

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO- FAALC
ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

Aline Almeron Esquivél

**A PINTURA COMO LINGUAGEM ARTÍSTICA NA ESCOLA:
relatos de um estágio**

Campo Grande – MS

2023

Aline Almeron Esquivél

**A PINTURA COMO LINGUAGEM ARTÍSTICA NA ESCOLA:
relato de um estágio**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentando ao curso de Artes Visuais/Licenciatura da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS como requisito para a obtenção do título de licenciatura em Artes visuais sob a orientação da Prof. Dra. Priscilla de Paula Pessoa.

Campo Grande – MS

2023

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais - Licenciatura, intitulado "A pintura como linguagem artística na escola: relato de um estágio", tem como objetivo geral refletir sobre a importância da pintura no ensino da arte no Brasil. E ainda, como objetivos específicos, explorar a importância da pintura como linguagem artística no ensino e como essa linguagem pode contribuir para o desenvolvimento dos estudantes, a partir de registros e desenvolvimentos sobre minhas experiências em estágio obrigatório não formal, com ênfase no trabalho da artista Adriana Varejão. A metodologia empregada é de abordagem qualitativa, baseada em referenciais teóricos de autores que tratam do tema, e no relato de experiência pessoal. Como resultado, destaco a importância que a discussão e produção em torno da pintura pode ter no desenvolvimento da sensibilidade e de senso crítico capaz, de transformar a vida e seu entorno.

Palavras-chaves: Pintura, Educação, Estágio obrigatório, Relato, Adriana Varejão.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1- Aline Esquivel. <i>Meninas que se empoderam</i> . 2019.....	16
Fig. 2 - Varejão em seu ateliê, em frente à série <i>Polvos</i>	17
Fig. 3 - Esbell em frente a uma de suas pinturas.....	18
Fig. 4 - Nascimento em frente a uma de suas pinturas.....	18
Fig. 5 - Jeferson Cardoso. Registros da oficina de pintura na Comunidade São João Batista, 2022	20
Fig. 6 - Jeferson Cardoso. Registros da oficina de pintura na Comunidade São João Batista, 2022	22
Fig. 7 - Jeferson Cardoso. Registros da oficina de pintura na Comunidade São João Batista, 2022	23
Fig. 8 - Adriana Varejão. Obra da série <i>Polvo</i> . 2014.....	24
Fig. 9 - Adriana Varejão. Obra da série <i>Polvo</i> . 2014.....	25
Fig. 10 - Adriana Varejão. estudo das cores de pele para a série <i>Polvo</i> . 2013	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	6
Capítulo I - A PINTURA COMO LINGUAGEM ARTISTICA NA ESCOLA.....	8
1.1 Possíveis práticas educativas no ensino de artes visuais: pintura.....	9
1.2 Algumas considerações sobre o ensino de arte nas escolas.....	11
Capítulo II - RELATO DE ESTÁGIO NO ENSINO NÃO FORMAL COM ÊNFASE NA PINTURA DE ADRIANA VAREJÃO.....	15
2.1 Relato de experiência com o estágio supervisionado em espaço não-formal.....	15
2.2 Sobre a série <i>Polvos</i>	24
CONCLUSÃO.....	28
REFERÊNCIAS.....	29
PROJETO DE CURSO	31

INTRODUÇÃO

Sabemos que, em todas as partes do mundo, desde há milhares de anos atrás, o ser humano valeu-se de pigmento em forma líquida para colorir superfícies – e esta ação é chamada pintura (MAYER, 2006). A pintura como linguagem artística pode ser definida como uma forma de comunicação visual que utiliza a cor, a textura e a forma para expressar ideias, sentimentos e emoções. É uma linguagem que não requer palavras, mas sim a habilidade de se expressar através do traço, da cor e da composição. No ensino formal e informal, a pintura pode ser utilizada como um meio de estimular a criatividade e a imaginação dos alunos, bem como para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, emocionais e sociais.

O objetivo deste trabalho é explorar a importância da pintura como linguagem artística no ensino e como essa linguagem pode contribuir para o desenvolvimento dos alunos. A pesquisa foi realizada através de uma revisão bibliográfica, buscando por artigos, livros e outras publicações que abordam o tema em questão; e também trago minhas experiências transcorridas durante os estágios obrigatórios.

A metodologia utilizada para a pesquisa foi baseada em análises críticas de textos e na síntese das informações encontradas. Foram selecionados os estudos que considere mais relevantes e as ideias pertinentes para a construção do trabalho, a fim de se alcançar um entendimento sobre o assunto.

Além disso, o presente trabalho aborda, na forma de um relato pessoal, um estágio em espaço não formal (integrante das atividades curriculares do curso de Artes Visuais – Licenciatura/UFMS), que foi realizado na comunidade Negra São João Batista, em 2022, no qual eu e meus colegas trabalhamos, em desenhos e pinturas, o autorretrato, usando materiais diversos como giz pastel, tinta guache, telas e papel. A partir dessa marcante experiência pedagógica, escolhi uma das artistas cujas obras foram trabalhadas no período do estágio, Adriana Varejão, para dar ênfase ao potencial de desenvolvimento de senso crítico a partir do ensino de arte, e mais especificamente, fazendo aprofundamentos sobre a obra *Polvos*, que fala da miscigenação, que é muito diversificada no Brasil, já que temos uma intensa e complexa mistura de raças.

A respeito da artista, sobre a qual já me interessava, pois já tinha feito um trabalho na graduação abordando sua produção, levantei que:

A pintura constitui o campo maior de sua produção, incorporando elementos de outras linguagens, como a escultura. Mesclando elementos barrocos em diálogo com a arte contemporânea, Adriana Varejão cria pinturas e instalações que questionam as relações sociais construídas em um passado colonial. Em suas obras, os materiais estão ligados simbolicamente à história cultural brasileira. (ADRIANA, 2023)

Algumas pessoas, quando falam sobre arte contemporânea, se perguntam “isso é arte?”. Existe um estranhamento no público em geral, e a artista consegue chegar até esse público e mexer com eles, tratando de temas como a miscigenação. Entendo que Adriana Varejão tem uma linguagem bem acessível ao público em geral, e aqui em específico selecionei uma de suas obras para, a partir disso, aprofundar em seu processo criativo, fazendo uma ligação entre o que foi feito no estágio e pinturas que abordam criticamente essa histórico e socialmente complexa mistura de cores e tons de pele existente no Brasil.

CAPÍTULO I – A PINTURA COMO LINGUAGEM ARTÍSTICA NA ESCOLA

A arte tem como uma de suas possíveis funções expressar e refletir a realidade, levando em conta a perspectiva de mundo de quem a faz e de quem a observa; assim, ela pode ser compreendida como uma forma de comunicação que interpreta, questiona e desafia a realidade. Neste trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais/Licenciatura, busco aprofundar os estudos nas Artes Visuais com foco na pintura.

As Artes Visuais possuem suas linguagens como, por exemplo, cerâmica, fotografia, desenho, escultura e também a pintura. Trata-se de uma linguagem das mais antigas e ainda fortemente presente nas práticas artísticas, e que nos permite ter acesso às diferentes culturas de todos os tempos e lugares, como vemos na história da arte: ela está nas cavernas de todos os cantos do mundo, nos vasos gregos, nas máscaras africanas, nos vitrais medievais, no renascimento com a técnica do *sfumato* ou no *impasto* dos impressionistas, nos tetos de igrejas, nos murais mexicanos e nas tantas telas já pintadas que se multiplicam ainda hoje pelo mundo - só para citar breves exemplos.

Assim, a pintura como linguagem artística é uma forma de comunicação visual que pode ser utilizada para expressar ideias e sentimentos, estimulando a criatividade e a imaginação dos alunos na escola. Segundo Silva (2017, p. 22), "a arte é fundamental para o desenvolvimento humano, permitindo que as pessoas possam criar, inovar e se expressar de maneira única". Além disso, ainda de acordo com a mesma autora, a pintura pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social dos alunos, uma vez que se trata de uma atividade que estimula o desenvolvimento da percepção visual, da coordenação motora fina e da criatividade, além de possibilitar uma forma de expressão emocional e social" (SILVA, 2018, p. 40).

Porém, para que a pintura seja efetivamente utilizada como linguagem artística na escola, é preciso que os professores tenham uma formação adequada para desenvolver atividades com seus alunos. Conforme Magalhães (2019, p. 65), "Os professores precisam estar preparados para lidar com a pintura como linguagem artística, pois isso envolve conhecer as técnicas, os materiais e as possibilidades de uso da pintura em sala de aula".

Ana Mae Barbosa (2015, p. 20) destaca que "a arte é uma forma de conhecimento tão importante quanto a ciência e a tecnologia, e deve ser valorizada

como tal", e afirma também que "a educação em arte deve propiciar experiências estéticas significativas, que contribuam para a formação de sujeitos críticos e sensíveis, capazes de compreender e transformar o mundo em que vivem" (BARBOSA, 2003, p. 45) Partindo dessas ideias, emitidas por uma das principais autoras sobre arte e educação do Brasil, pode-se afirmar que a pintura, como uma das linguagens artísticas, tem potencial para contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos, estimulando a sensibilidade, a criatividade e a reflexão crítica sobre a sociedade em que vivem.

1.1 Possíveis práticas educativas no ensino de artes visuais: pintura

É necessário que o professor tenha em mente e seja bem estabelecido e organizado sobre o conteúdo que deseja trabalhar com os alunos, e deve se atentar aos resultados obtidos.

Conhecer os artistas, ver como trabalham, observar suas obras é outro passo para aprender a pensar e apreciar arte. A observação atenta do trabalho artístico e sua inserção na sociedade, a sua identificação a percepção da linguagem e dos significados que contêm, são conhecimentos específicos do campo artístico e que aprimoram tanto o processo de produção como a percepção estética. (FUSARI E FERRAZ, 2010 p. 29).

Para planejar aulas de e utilizar a pintura como recurso, é essencial seguir procedimentos, que devem ser recomendados pelo professor. Com base em minha experiência como estudante de Artes Visuais e na influência recebida de Ana Mae Barbosa, por meio do estudo de sua proposta triangular (a criação, o fazer artístico e a possibilidade de experimentação; e a contextualização o significado da arte em nosso cotidiano), apresento a seguir um roteiro *possível* para abordar a prática da pintura no ensino fundamental, observando os passos desenvolvidos a partir dos conteúdos e das vivências obtidos durante meu período acadêmico.

1. Apresentação de referências de pinturas, contextualizadas de acordo com o conteúdo que está sendo explorado.
2. Introdução aos materiais: começar mostrando os materiais básicos de pintura, como pincéis, tintas e papéis, e ensinar possibilidades de utilização deles.
3. Apresentação de técnicas básicas de pintura, como a mistura de cores primárias, criação de sombras e efeitos de luz.

4. Exploração da criatividade: permitir que os alunos explorem a sua criatividade ao escolherem o que querem pintar e como querem pintar, dentro de certos limites impostos pelo próprio conteúdo que está sendo explorado naquela atividade.

5. Apreciação da arte: apresentar a obra de artistas famosos para inspirar os alunos e incentivá-los a criar suas próprias obras de arte.

6. Retorno construtivo: dar uma devolutiva sobre o trabalho dos alunos para ajudá-los a conhecer suas potencialidades e incentivá-los a continuar a praticar a pintura.

7. Exposição: promover exposições de arte na escola para que os alunos possam mostrar seus trabalhos e receber devolutivas de outros alunos, professores e pais.

Entendo que o ensino da pintura na escola para o ensino fundamental, uma vez que ali lidamos com crianças, deve ser divertido e inspirador, incentivando os alunos a expressarem sua criatividade e a explorar novas ideias. Já o ensino de pintura no ensino médio pode ser uma excelente oportunidade para estimular a criatividade e desenvolver potencialidades artísticas que podem ser úteis em diferentes áreas da vida. Para pensar uma possível abordagem da pintura no ensino médio, tomei como base autores da área que conheci ao longo do meu percurso acadêmico, e destaco algumas autoras como referência:

- Ana Mae Barbosa: é uma das referências mais importantes no campo da educação artística no Brasil. Seu trabalho enfatiza a importância do desenvolvimento da criatividade e habilidades artísticas no ensino de artes.

- Fayga Ostrower: foi uma renomada artista e teórica da arte brasileira. Seu trabalho aborda a relação entre a arte e a educação, destacando a importância da expressão criativa no ensino de artes visuais.

- Emília Amaral: é uma pesquisadora e professora de arte que também aborda a criatividade e o desenvolvimento de habilidades artísticas no contexto educacional.

- Gilda Portella: é outra autora brasileira que tem contribuído para a educação artística, focando na importância da criatividade e na exploração da pintura como meio de expressão.

Assim, de modo a desenvolver a prática da pintura no ensino médio, a partir dessas quatro autoras e, novamente, dos meus estudos na graduação, apresento algumas *possibilidades* de abordagem, tais como:

1. Contextualização da proposta prática de pintura com o conteúdo que está sendo estudado.

2. Introdução a diferentes técnicas: apresentar aos alunos diferentes técnicas de pintura, como óleo, aquarela, acrílico, entre outros. Explicar as características de cada técnica.

3. Aprofundamento de técnicas básicas: uma vez que os alunos já conhecem as técnicas básicas de pintura, é importante aprofundá-las, mostrando como aplicá-las em diferentes contextos e situações. Incentive-os a experimentar e explorar suas habilidades.

3. Estudo de obras de arte: mostrar aos alunos obras de arte de diferentes épocas e estilos, e promover debates e discussões sobre elas. Essa prática ajuda os a desenvolver um senso crítico e uma compreensão mais profunda das técnicas e estilos de pintura.

4. Projeto de pintura: propor projetos de pintura que incentivem a criatividade e a reflexão dos alunos.

5. Exposição: promover exposições de arte na escola ou na comunidade, para que os alunos possam mostrar seus trabalhos para outras pessoas.

1.2 Algumas considerações sobre o ensino de arte nas escolas.

Ao observar o dia a dia nas escolas, em especial nas públicas, bem como a partir das literaturas pesquisadas, é possível afirmar que ainda há muitas limitações no ensino de arte nas escolas brasileiras, incluindo a falta de recursos financeiros para investir em materiais de arte (como os necessários para a pintura) e equipamentos, bem como a falta de formação adequada dos professores para ensinar essa disciplina de forma mais abrangente e eficaz. Sem dúvida, é fundamental que sejam realizados investimentos e políticas públicas para melhorar o ensino de arte nas escolas e garantir que os alunos tenham acesso a uma formação mais completa e enriquecedora em todas as áreas do conhecimento. É preciso disponibilizar mais recursos para as escolas, proporcionando uma infraestrutura adequada, e investir na capacitação dos professores, garantindo assim que os estudantes possam se desenvolver plenamente no campo artístico.

No que diz respeito à pintura, especificamente, é importante lembrar que na escola (de novo, em especial na rede pública) o recurso é escasso, o professor na maioria das vezes tem de trabalhar com os materiais que estão disponíveis, uma vez

que não pode pedir material ao aluno. E esse pouco estoque de material nem sempre inclui tintas, pinceis e outros que são próprios para pintura. Não se pode culpar o professor por essas limitações materiais, e, além disso, muitas vezes ainda trabalha em seu limite, com salas de aula lotadas. Muitos chegam a sofrer com algum problema psicológico, devido ao stress da sala de aula, então é necessário que o professor tenha uma formação continuada, mais não se pode culpar o professor por trabalhar com materiais escassos.

Já em relação aos currículos, é necessário que contemplem tanto os fundamentos teóricos quanto as práticas artísticas das Artes Visuais. Isso envolve o estudo da história da arte, da estética, da análise e interpretação de obras de arte, bem como o desenvolvimento de potencialidades em diversas técnicas e materiais artísticos.

É importante que os currículos também valorizem a formação interdisciplinar, promovendo diálogos entre as Artes Visuais e outras áreas do conhecimento, como história, filosofia, sociologia, antropologia, entre outras. Essa abordagem amplia a compreensão e o potencial das Artes Visuais como uma forma de expressão cultural e como um campo de reflexão sobre questões sociais e humanas.

As metodologias de ensino em Artes Visuais devem estimular a participação ativa dos estudantes, promovendo a experimentação, a investigação e a reflexão sobre os processos artísticos. É fundamental que os professores adotem abordagens pedagógicas que permitam aos alunos explorar sua criatividade, desenvolver sua capacidade de observação, expressão e análise crítica.

Um desafio enfrentado pelos professores de Artes Visuais é a superação de práticas tradicionais e meramente reproduzidas, que focam apenas em técnicas e habilidades isoladas. É necessário estimular uma pedagogia mais crítica, que incentive os alunos a pensarem sobre as questões estéticas, históricas, sociais e culturais relacionadas às Artes Visuais.

Metodologias como a pedagogia crítico-transformadora, proposta por Paulo Freire, podem ser relevantes nesse contexto. Essa abordagem busca relacionar o fazer artístico com a realidade vivida pelos alunos, estimulando a reflexão e a transformação social por meio da arte. A pedagogia crítico-transformadora propõe uma educação que valoriza o diálogo, o respeito à diversidade e a construção coletiva do conhecimento. Esta é uma visão geral do pensamento de Freire a partir de suas principais obras, tais como: *Pedagogia do Oprimido* (1970), *Educação como Prática*

da Liberdade (1967). *Ação Cultural para liberdade* (1970), *Pedagogia da Autonomia* (1996), *Extensão ou comunicação* (1977). e *Educação* (1993).

Além de Freire, diversos autores brasileiros têm contribuído com reflexões e propostas de currículos e metodologias de ensino em Artes Visuais. Lucia Gouvêa Pimentel (2003. p.36), por exemplo, defende uma abordagem pedagógica que valorize a relação entre o fazer artístico e a cultura visual contemporânea. Segundo a autora, é importante que os currículos estejam conectados com as práticas artísticas contemporâneas, estimulando a experimentação e a interação com diferentes linguagens e mídias visuais.

O professor de Artes Visuais precisa desenvolver uma série de saberes específicos para atuar de forma efetiva nessa área. Além do domínio dos conhecimentos históricos, teóricos e técnicos das Artes Visuais, é importante que o professor compreenda e explore a diversidade de expressões artísticas presentes na cultura visual contemporânea.

É fundamental que o professor tenha familiaridade com diferentes técnicas e materiais artísticos, como pintura, desenho, escultura, gravura, fotografia, instalação, entre outros. Além disso, é necessário que ele esteja atualizado sobre as tendências artísticas e as manifestações culturais contemporâneas, podendo explorar esses elementos no contexto do ensino.

A formação continuada é um aspecto relevante para o aprimoramento profissional do professor de Artes Visuais. Esse processo envolve a participação em cursos, *workshops*, palestras, congressos e outros eventos que promovam a atualização dos conhecimentos e a troca de experiências com outros profissionais da área. Além disso, o professor pode buscar desenvolver projetos de pesquisa e experimentação artística, participar de grupos de estudos, colaborar com instituições culturais e artistas, e estar atento às produções e publicações acadêmicas relacionadas às Artes Visuais. Essas práticas contribuem para a expansão dos saberes e para o enriquecimento das práticas pedagógicas do professor.

Autores brasileiros têm se dedicado a refletir sobre os saberes e competências necessários ao professor de Artes Visuais. Barbosa (2010, p.26), por exemplo, destaca a importância da formação teórica sólida, que permita ao professor compreender as múltiplas dimensões da arte e sua relação com a sociedade.

A arte, em geral, estimula a criatividade, a sensibilidade e a reflexão crítica dos alunos. Como afirmou Freire (1987, p. 42), "a educação estética é essencial para a

formação de sujeitos críticos e autônomos, capazes de compreender e transformar a realidade em que vivem". Porém, não faria sentido fingirmos que as crianças pequenas têm as mesmas capacidades que os artistas ou os críticos adultos. "É puro romantismo pensar que a sua experiência da arte é equivalente á dos adultos, ou que as suas obras estão igualmente carregadas de sentido". (PARSONS, 1992. p. 44).

Nesse contexto, a pintura pode ser uma das linguagens artísticas mais eficazes para o desenvolvimento integral dos alunos. Conforme salientou Azevedo (2010, p. 25), "a pintura é uma forma de expressão que permite ao indivíduo criar, inovar e se comunicar de maneira singular". Além disso, a pintura pode ser uma ferramenta pedagógica importante para o desenvolvimento de habilidades como observação, análise e síntese, estimulando a percepção visual e a capacidade de interpretação.

No entanto, para que a pintura seja utilizada de forma efetiva como ferramenta pedagógica, é necessário que o professor tenha uma formação adequada e seja capaz de desenvolver atividades que estimulem a criatividade e a sensibilidade dos alunos. De acordo com Barbosa (2003, p. 60), "o ensino da arte deve ser fundamentado em uma abordagem crítica e reflexiva, que valorize as experiências estéticas dos alunos e promova a autonomia e a expressão individual".

Assim, o objetivo deste capítulo foi discutir alguns aspectos da relação entre a pintura e a educação, destacando as contribuições dessa linguagem para o desenvolvimento integral dos alunos, bem como as práticas pedagógicas mais efetivas para o ensino da pintura na escola. Buscou-se, com isso, contribuir para a formação de professores capazes de desenvolver atividades de pintura que estimulem a criatividade, a sensibilidade e a reflexão crítica dos alunos. No capítulo a seguir, afunilo esta discussão, ao relatar uma importante experiência de ensino que tive envolvendo, em destaque, a pintura de Adriana Varejão.

CAPÍTULO II - RELATO DE ESTÁGIO NO ENSINO NÃO FORMAL COM ÊNFASE NA PINTURA DE ADRIANA VAREJÃO.

É fundamental que o aluno de uma graduação de licenciatura em Artes Visuais compreenda, desde o início de sua formação, que ensinar não é simplesmente transferir conhecimento, mas sim criar possibilidades para sua produção e construção (FREIRE, 1987 p.12). Durante o estágio em um espaço não formal (um dos estágios obrigatórios em minha formação no curso de Artes Visuais da UFMS), eu e os demais colegas envolvidos trabalhamos com pintura - suas cores, formas e possibilidades de leitura.

Para aprender de forma crítica, é fundamental que os alunos reconheçam que o educador não pode simplesmente transferir seus saberes adquiridos, mas sim criar condições para que os alunos sejam sujeitos da construção e reconstrução desses saberes (FREIRE, 1987 p.13). Por isso, pensamos em propor uma atividade sensorial que estimulasse a criatividade e, ao mesmo tempo, gerasse uma percepção crítica sobre a pintura, desenvolvendo a sensibilidade dos alunos para que eles possam, em alguma medida, transformar a realidade em que vivem. Entendo que esta seja uma das principais metas da educação artística.

2.1 Relato de experiência com o estágio supervisionado em espaço não-formal

O estágio obrigatório em Artes Visuais supervisionado em espaço não formal, na grade curricular do meu curso, está inserido na disciplina que possui o mesmo nome e tem caráter obrigatório. Realizei o meu no ano de 2022 e todo o trabalho de aplicação foi desenvolvido na Comunidade Negra São João Batista, sob a orientação do professor da disciplina, Paulo Cesar Duarte Paes e supervisão da Juliana Anunciação (que era uma das coordenadoras do projeto ela tinha formação em Letras e atuava como uma espécie de diretora da comunidade). Trata-se de uma comunidade remanescente quilombola, atuante em Campo Grande/MS e que desenvolve um importante trabalho de resgate, fortalecimento e perpetuação da cultura e saberes afro-brasileiros. Atualmente, a comunidade é constituída por um núcleo familiar de 100 pessoas que residem em sua maioria na região do Pioneiros e em bairros como Piratininga e Aero Rancho.

O estágio proposto era em grupo e o meu era constituído pelos acadêmicos Aline Esquivel, Jeferson Cardoso, Laura Lobo e Ubiratan Almeida.

Logo no início das discussões em grupo, conhecemos a comunidade através da Laura, que a indicou porque o pai dela tinha conhecimento sobre o local e conhecia pessoas que trabalhavam lá. Então, primeiramente fomos conhecer o local e a Juliana indicou alguns professores para conversarem com a gente; nessa conversa eles falaram como funcionava a instituição e soubemos, assim, que quem dava aula lá geralmente eram acadêmicos e graduação, como nós.

Nesses dias iniciais, fomos tendo contato com a comunidade, os professores nos apresentaram aos alunos e, para isso, fomos em dois horários para conhecer as duas turmas existentes (uma matutina era dos menores e a outra de tarde eram os adolescentes). Numa roda de conversa, extraímos o que eles entendiam sobre o termo miscigenação e mostramos nossas obras para eles se familiarizarem com nossos trabalhos autorais em pintura; isso inclui uma série de pinturas minhas (fig.1), que retrata meninas que têm cabelos crespos e que se sentem empoderadas porque, ao invés de alisar, elas mantêm e ressaltam seu aspecto natural. E além de apresentar nossa produção, conversamos com os alunos sobre a arte e suas diversas formas de expressão.

Durante o estágio que realizamos na comunidade negra São João Batista, utilizamos a técnica da pintura para apresentar trabalhos sobre empoderamento feminino, mostrando que é possível valorizar e assumir a beleza do cabelo crespo e cacheado.

Fig.1: Aline Esquivel. *Meninas que se empoderaram*. 2019.30 cm x 40 cm.



Fonte: Acervo particular

No segundo dia, apresentamos alguns artistas, como Adriana Varejão (fig.2), que criou a série *Polvos* inspirada em uma pesquisa realizada pelo IBGE, a qual aborda as 136 cores de pele autodeclaradas no censo de determinado ano. A partir dessa pesquisa, uma fábrica produziu tintas sob sua orientação e a artista utilizou-as para criar discos cromáticos e retratar seu próprio rosto com símbolos indígenas, para falar da miscigenação (trato desse trabalho em outra seção, de modo mais aprofundado).

Fig. 2: Varejão em seu ateliê, em frente à série *Polvos*.



Fonte: <https://vogue.globo.com/cultura/noticia/2014/04/voz-do-polvo-conheca-serie-inedita-de-adriana-varejao.html>.

Também mencionamos o falecido artista indígena Jaider Esbell, que pinta o próprio corpo com grafismos e utiliza tintas retiradas da natureza, como o urucum e o verde de ervas, além de produzir telas com cores puras e marcantes (como na fig. 3), retratando, muitas vezes seres da natureza associados às tradições indígenas em que está inserido.

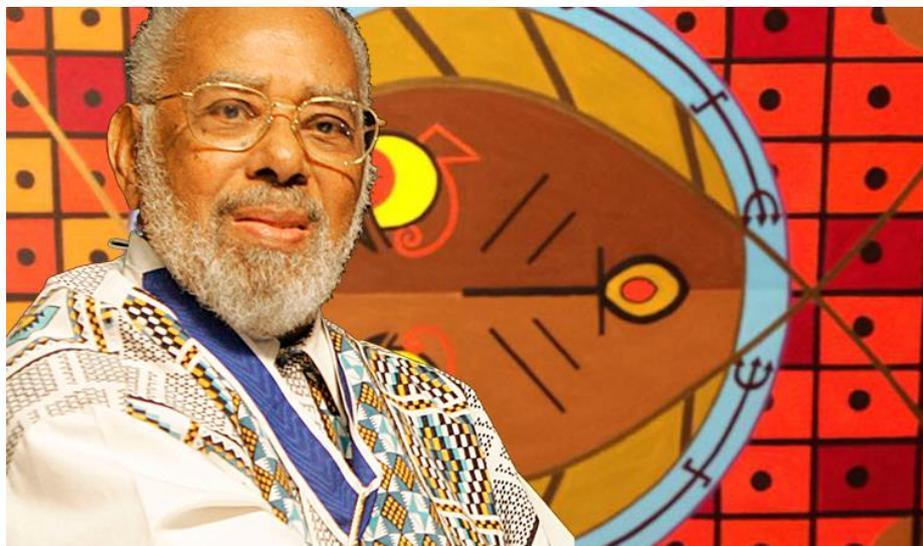
Fig. 3: Esbell em frente a uma de suas pinturas.



Fonte: <https://www.pstu.org.br/jaider-esbell-no-rastro-da-serpente-hoje-amanha-e-sempre-presente/>

Ubiratan falou também sobre Abdias Nascimento (fig. 4), um multiartista e político afrodescendente que trabalhou em questões relacionadas à ancestralidade e ao movimento negro em suas obras.

Fig. 4: Nascimento em frente a uma de suas pinturas.



Fonte: <https://dialogosdosul.operamundi.uol.com.br/brasil/69924/dez-anos-sem-abdias-do-nascimento-o-homem-que-fez-milhares-de-mulheres-homens-e-criancas-negras-voltarem-a-sonhar>

Laura intermediava a conversa, apresentando os materiais utilizados pelos artistas de que tratamos e as possibilidades que os alunos tinham para realizar seus trabalhos a partir dessas referências, incluindo giz pastel seco, tinta guache, telas e pincéis. Trabalhamos com eles o autorretrato, explicando um pouco sobre as

possibilidades de estruturação de um rosto, técnicas de iluminação e sombreado, composições e formas. Jeferson sentou-se à frente dos alunos para ser desenhado e discorrer sobre as técnicas disponíveis.

Durante as atividades, percebemos que muitos alunos ficaram empolgados e pediram para fazer trabalhos com tela, mostrando o interesse nesse tradicional suporte de pintura. No entanto, isso nos lembrou das dificuldades enfrentadas em escolas, onde muitas vezes há falta de acesso a materiais adequados para a realização de atividades artísticas.

Foi gratificante perceber que, durante a roda de conversa, os alunos já possuíam conhecimentos prévios sobre miscigenação, assim como também se mostraram abertos a aprenderem sobre técnicas de pintura, como a estrutura prévia do rosto, a mistura de tintas e as cores puras. Em vez de simplesmente transferir conhecimentos, penso que nós proporcionamos meios para que os alunos pudessem produzir seu próprio saber.

Durante as aulas, fomos aprendendo junto com eles, identificando o que funcionava e o que não funcionava, e ensinando de acordo com o andamento da aula. Um momento importante foi a roda de conversa inicial, onde extraímos dos alunos o que eles sabiam sobre miscigenação e cultura, o que nos surpreendeu com o nível de conhecimento que já possuíam sobre o assunto.

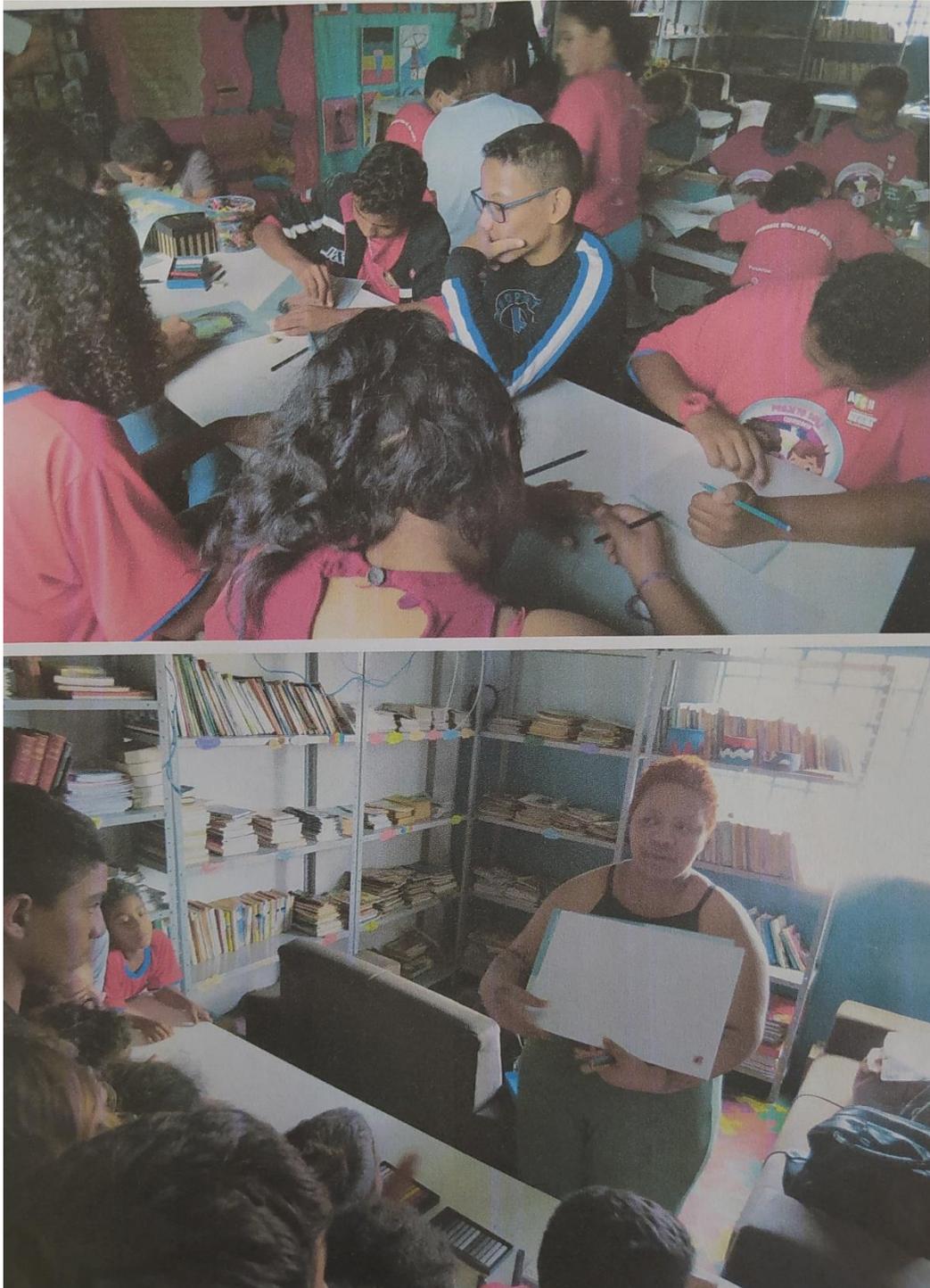
Por fim, de modo a sistematizar a experiência vivida na oficina de pintura realizada na comunidade, com o tema *Autorretrato*, apresento o seguinte roteiro que foi seguido:

Primeira aula

Fizemos uma roda de conversa com os alunos da comunidade (fig.5) e extraímos um pouco do que eles sabiam sobre miscigenação o incrível é que eles estavam bem familiarizados sobre o assunto uma aluna disse que era a mistura das raças, ficamos muito contentes que nesse primeiro momento eles estavam a par do assunto.

Mostramos nossos trabalhos para eles (o meu, como já citei, são pinturas em tela que representam meninas que se empoderaram através de seus cabelos), Ubiratan levou também suas pinturas em tela, e vários alunos se mostraram desde esse primeiro momentos empolgados para pintar nesse suporte.

Fig.5: Jeferson Cardoso. Registros da oficina de pintura na Comunidade São João Batista, 2022.



Fonte: Acervo Particular da autora.

Segunda aula

Levamos os materiais que os alunos utilizariam em seus trabalhos - giz pastel, tinta guache, canetinhas, folha A3, papeis em geral - e telas já pintadas, porque a comunidade forneceu tela para o trabalho dos alunos e deixamos eles fazerem testes

com os materiais para irem se familiarizando. Os alunos se mostraram muito contentes por terem contato com os materiais nesse segundo momento.

Terceira aula

O colega Jeferson falou sobre a artista Adriana Varejão, mais especificamente sobre a série Polvos, na qual, entre outras peças, a artista fez um círculo cromático com os tons de pele e pintou vários rostos dela mesma (que pode ser visto na fig. 2), com símbolos indígenas fazendo essa alusão da miscigenação, aos diferentes tons de pele existentes no Brasil, por essa mistura de raças que é bem evidente em nosso país.

Jeferson foi familiarizando os alunos com o assunto da obra, na qual Adriana Varejão trabalhou os tons de pele, comparando com a miscigenação que há ali na comunidade negra que, apesar do nome, apresenta uma mistura de tonalidades de pele, uma vez que atende alunos carentes de diferentes etnias.

Ubiratan levou e discorreu sobre a obra do artista Abdias Nascimento, um afrodescendente que trabalhou temas raciais em sua vasta obra, que envolve além da pintura, também literatura, teatro e política. Era um ativista, e suas obras levavam cores puras e fortes para tratar das questões raciais, assunto complexo mas muito evidente em nosso país e que, em nossos alunos, tocou de um modo profundo já que o racismo faz parte de suas vivências mesmo tão novos. Assim, ao apresentar um artista ativista levamos em consideração que é algo vivido por muitos desses alunos.

Eu falei sobre o artista indígena Jaider Esbel e iniciei a conversa falando que nas comunidade indígenas é muito comum se trabalhar com os grafismos que expressam símbolos daquela cultura, e que os indígenas muitas vezes pintam seus corpos com esses grafismos e em vista alguns significados importantes para a sociedade a que são pertencentes. Pontuei que os indígenas pintam seus corpos com tintas retiradas da natureza e se pintam em seus rituais e citei também que algumas das pinturas de Jaider Esbel representam a medicina ancestral indígena e outros aspectos tradicionais.

Quarta aula

Trabalhamos com a proposição de retratos, em que os alunos usaram todo material apresentado por nós os professores, entre eles tinta guache, giz pastel, papéis em geral e telas fornecidas pela comunidade (Fig. 6). O Ubiratan e o Jeferson

sentaram com os alunos e ficaram de modelos e foram fazendo observações sobre como poderiam realizar suas representações. Também me sentei frente a um aluno e fiz o mesmo.

Fig.6: Jeferson Cardoso. Registro da Oficina de pintura na comunidade Negra São João Batista.



Fonte: Acervo particular da autora.

Numa das atividades propostas, uma menina fez um rosto em giz pastel, enquanto eles pintavam uns aos outros, com cores vivas e irrealistas. Isto me fez pensar em Parsons (1992, p.47), que escreveu:

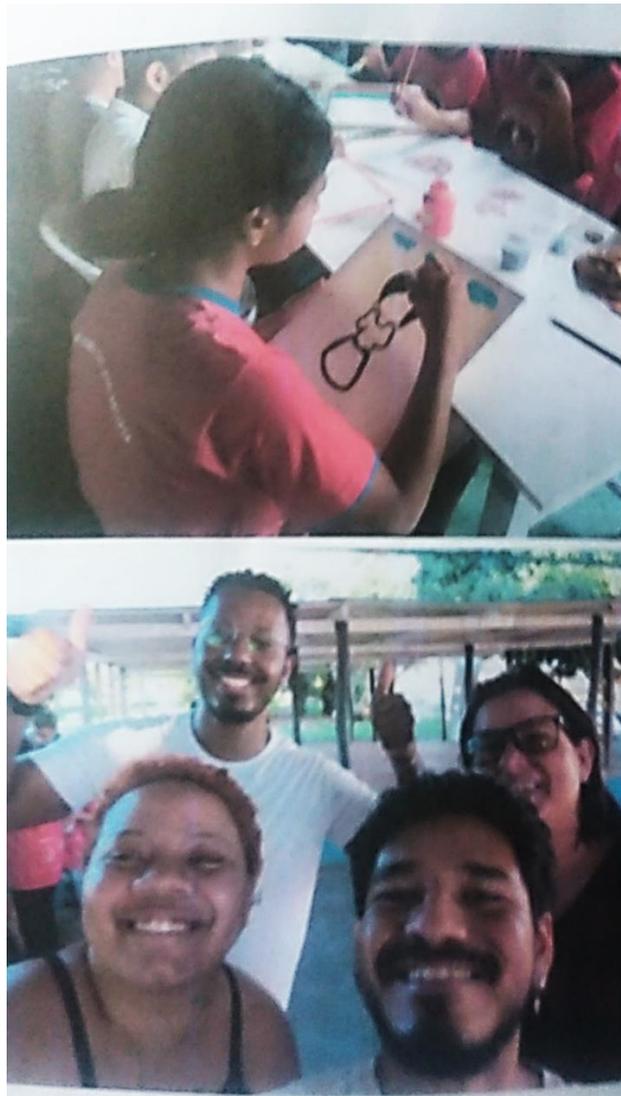
E, no entanto, eu vejo-a em determinadas cores. E encontro nela uma fonte suplementar de prazer. Isto subentende uma relação pessoal e direta entre mim próprio e a cor preferida um pacto de escolha mútua, mediante o qual eu elejo uma determinada cor e em contrapartida de ser a-minha-preferida contrasta com propriedades como a luminosidade de cor, visível para toda a gente.

Nas idades iniciais de até cinco anos, percebo que as crianças nunca acham nada de ruim nas obras apresentadas. Elas se apegam mais às cores, sobre as quais falam bastante. Essa referência a Parsons me veio à memória quando os alunos gostaram muito das minhas obras e do Ubiratan as minhas porque eram coloridas, assim como as do Ubiratan (que eles aplaudiram). Ficaram muito empolgados e disseram: “professora eu também quero pintar em tela!” ou “nós vamos poder pintar

com tintas em tela?” A felicidade dos alunos era imensa e na alegria deles era visível o prazer que a obra de arte pode suscitar aos alunos. Foi gratificante.

Na fig.7, os alunos menores estavam pintando rostos uns dos outros, a Laura ensinou técnica de representação de luz e sombra e que eles podiam desenhar a lápis ou passar para o papel direto com o giz. Ubiratan, Jeferson e eu ficamos de modelos fazendo observações e sugestões relacionadas às pinturas que estavam sendo feitas. O resultado foi gratificante, uma alegria ver o prazer dos alunos com o tema retrato, bem como sua identificação com as questões levantadas. Falei sobre eu ter ascendência negra na minha família para que eles entendessem o meu interesse em trabalhar com eles - trabalho esse de resultados muito satisfatórios, de boas lembranças e muito aprendizado.

Fig.7: Jeferson Cardoso. Registro da Oficina de pintura na comunidade Negra São João Batista.



Fonte: Acervo particular da autora

2.2 Sobre a série *Polvo*

Entre as obras com as quais trabalhamos no estágio relatado, uma em especial me interessou, de forma que continuei minha pesquisa sobre ela. Trata-se da série *Polvos*, da artista carioca Adriana Varejão, sobre a qual pode ser dizer que:

A produção de Adriana Varejão expõe a violência nos processos de assimilação cultural. Questiona ainda a superfície pictórica, o papel simbólico da imagem e a maleabilidade de seus signos. Adriana Varejão constrói obras com diferentes camadas de materiais e significados. Por meio de símbolos que remetem à colonização e à evangelização católica, a artista questiona em suas obras como um passado de dominação ainda reverbera na contemporaneidade brasileira. (ADRIANA, 2023)

Para a série *Polvo* (2014), Varejão produziu uma caixa de tintas (fig. 8), em parceria com a fábrica Águia, com 33 cores apontadas como tons de pele em pesquisas do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 1975; ao serem perguntadas pela sua cor de origem, sem alternativas pre-estabelecidas, as pessoas citaram 136 cores. A artista escolheu as denominações mais estranhas mencionadas na pesquisa, como: café com leite” burro quando foge, acastanhada, agalegada, alvinha, azul-marinho, escura, bronze, cobre, cor de canela, cor de cuia, meio preta, lilás, amarelosa, puxa para branca, queimada de praia, pálida, branca melada, branca suja, sarará, morena bem chegada, enxofrada, etc.

Fig. 8: Adriana Varejão. Obra da série *Polvo*. 2014



Fonte: <https://artebrasileiros.com.br/arte/povo-de-cores-infinitas/>

Além da caixa de tintas, realizou várias pinturas sobre retratos seus (não feitos por ela, mas encomendados a retratistas), com diferentes tonalidades, como em uma escala tonal que foi vindo do tom de pele mais claro ao mais escuro, e em cada quadro tem outra escala de cores embaixo, tratando com isso da miscigenação brasileira, espelhada nessa pesquisa. Em outros retratos, sobrepôs símbolos, grafismos indígenas que fazem alusão a misturas de raças que temos aqui no Brasil. Ainda, Varejão trabalhou uma série de pinturas com essa relação de cores ela selecionou 36 cores em que fez círculos cromáticos com os tons de pele que criou com suas tintas. Na fig. 8, podemos ver um compilado de algumas das pinturas da série *Polvo*

Fig. 8: Adriana Varejão. Série *Polvo*, 2013-2014



Fonte: <https://artebrasileiros.com.br/arte/povo-de-cores-infinitas/>

Em muitas de suas entrevistas, Varejão afirma que não gosta de explicar suas obras, prefere que cada um tire suas conclusões. Mas, ao esclarecer alguns pontos sobre seu processo criativo (ao qual temos um pequeno acesso na fig. 10), respondeu à pergunta: “Conte um pouco sobre o processo de pesquisa histórica e as associações que você fez. Como é que você chegou a essa pesquisa de cores?”. Em sua resposta,

a artista fornece um importante material para quem queira discorrer ou mesmo tratar de seu trabalho em aula:

Bem, eu não sou especialista no assunto, mas gosto de ler sobre Antropologia, Sociologia, História e Cultura, especialmente do Brasil. Não lembro exatamente quando tive conhecimento desse censo, mas creio que foi no final dos anos 1990. Vi a lista das cores de pele, e eu tinha um trabalho em mente, no qual eu “coleccionava” cores de pele, cores de tinta de pele de vários lugares do mundo. Na maioria das vezes, elas eram rosa e pensei em trabalhar essa questão. Juntei as duas coisas e pensei em fabricar tintas com cores de pele que não fossem aquele rosa, e sim cores de pele mais miscigenadas, mais relativas ao que realmente existe. Juntei as duas informações, a questão das cores que apareciam no censo e que vinham nomear as tintas e a própria fabricação da tinta óleo. Na verdade, fiz isso mais no sentido de dizer que cor é linguagem, antes de qualquer outra coisa. Cor vai muito além da questão racial. Acho incrível a ideia das pessoas autodenominarem sua cor. Fiz alguns trabalhos nos anos 1990 que eram autorretratos meus, como se eu fosse de diferentes etnias. Fiz um tríptico em que eu era chinesa, índia e moura. Também já havia flertado com questões relativas às castas sociais mexicanas, todas as classificações raciais entre índios, ameríndios e espanhóis. Essas questões sempre habitaram meu universo de leitura e de conhecimento. (VAREJÃO, 2018).

Fig. 10: Adriana Varejão. estudo das cores de pele para a série *Polvo*. 2013.



Fonte: <https://artebrasil.com.br/arte/povo-de-cores-infinitas/>

Assim, concluí que se trata de uma obra cujo processo criativo é complexo e que também pode ter uma leitura igualmente complexa, mas ao mesmo tempo, comunica

de forma simples a questão da miscigenação brasileira, que pode assim ser lida, a partir de *Póvo*, sob vários aspectos e camadas, desde “a cor como linguagem”, como aponta a própria artista, até uma leitura que lide com questões sociais e históricas envolvendo, sobretudo, o tema do racismo.

Considerações finais

Ao tratar da pintura como uma linguagem que pode ser utilizada no ensino de arte, além de procurar embasamentos teóricos sobre o tema (no primeiro capítulo), decidi relatar e desenvolver uma experiência que marcou profundamente meu período como acadêmica de Artes Visuais: o estágio não-obrigatório realizado na comunidade negra São João Batista em 2022.

Entendo que, a partir dessa simples atividade que aqui relatei, foi proporcionado aos alunos a oportunidade de se tornarem, em alguma medida, sujeitos da construção do conhecimento por meio da pintura. Durante as atividades, abordou-se questões formais da pintura, como a estrutura do rosto, a mistura de tintas e as cores puras, ensinando de forma participativa e incentivando a experimentação. Mas, desde a roda de conversa inicial, revelou-se o conhecimento prévio dos alunos sobre miscigenação (e suas implicações) e cultura, o que foi surpreendente. Ao invés de transferir conhecimento, o objetivo da nossa proposta foi criar condições para que os alunos produzissem seus próprios saberes.

A medida que a oficina foi se desenrolando, foi gratificante perceber como os alunos respondiam bem às perguntas e, o mais importante, eles entendiam nossas proposições e nelas mergulharam. Pelo retorno que tivemos dos alunos, pude observar a seriedade da Comunidade Negra São João Batista os profissionais nos trataram super bem e o empenho deles em manter a comunidade era visível.

As crianças que ali tinham aulas de esporte, cultura e uma alimentação que atendiam a suas necessidades eram mantidas pela prefeitura e também pela comunidade. Nós tivemos um ótimo retorno nas atividades desde a roda de conversa, até quando mostramos os materiais para eles até o dia da atividade em que fizeram retratos. Eles gostaram bastante foi bastante empolgante de ver como as crianças respondem bem e dão um bom retorno para o desenho e, sobretudo, para o fazer da pintura.

No estágio, apresentei aos alunos o trabalho da artista Adriana Varejão, que conheci na universidade e com a qual me encantei, pois trabalha a arte contemporânea e a pintura de um jeito particular, levando a cultura e trazendo essa discussão sobre a identidade brasileira para a arte contemporânea, abordagem pela qual me interesso e que, em minha trajetória como professora, pretendo explorar.

REFERÊNCIAS

- ADRIANA Varejão. In: **ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira**. São Paulo: Itaú Cultural, 2023. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa17507/adriana-varejao>. Acesso em: 11 de setembro de 2023. Verbetes da Enciclopédia.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. São Paulo: Cortez, 2015.
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- FREIRE. Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes Necessários a Prática Educativa. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1987.
- FREIRE. Paulo: **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e terra, 1970
- FREIRE. Paulo: **Educação como prática libertadora**. São Paulo: Paz e terra 1967.
- FREIRE. Paulo: **Ação cultural para a liberdade**. São Paulo: Paz e terra 1970
- FREIRE. Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Paz e terra 1993.
- FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria Felisminda de R. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 2010.
- FERRAZ. Maria Heloisa C. de T., FUSARI. Maria. F de Rezende. **Metodologia do Ensino De Arte**. Fundamentos e Proposições, 2010.
- MAGALHÃES, Nara. **A pintura como linguagem artística na escola**. Revista Brasileira de Educação Artística, v. 3, n. 1, p. 62-70, 2019.
- MAYER. Ralph. **Manual do Artista: de técnicas e materiais**. 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes. 1999.
- MAZIERO. Ana Luiza Moura. **Uma experiência artística no ensino Médio: Arte Contemporânea e a Produção de Adriana Varejão**. 2022
- PARSONS. J. Michael. **Compreender a arte**. Editora Presença, 1992.
- PIMENTEL, Lúcia Gouvêa. **Som, Gesto, forma e cor: dimensões da arte e seu ensino**. 4ª ed. Belo Horizonte/MG, C/Arte, 2003
- RODRIGUES, Maria das Graças. **Pintura e educação: uma proposta metodológica**. Artes visuais em revista, v. 1, n. 2, pág. 48-54, 2015
- SILVA, Sandra Regina Ramalho. **Pintura na escola: desenvolvimento cognitivo, emocional e social**. Educação em Revista, v. 34, n. 1, p. 38-53, 2018.

SILVA, Silvana Rodrigues da. **Arte na educação**: possibilidades e desafios. Revista Brasileira de Educação Artística, v. 2, n. 1, p. 18-27, 2017.

VAREJÃO, Adriana. Entrevista [02 jul. 2018]. **Povo de cores infinitas**. Entrevistadora: Leonor Amarante. 2019. Revista Arte!Brasileiros. Disponível em: < <https://artebrasileiros.com.br/arte/povo-de-cores-infinitas/>>. Acesso em 1 set. 2023.

PROJETO DE CURSO

Proposta de aulas para o 9º ano – ensino fundamental

1 - 2 Aula: Vida e Obra de Adriana Varejão

Objetivo: Apreciar e analisar as obras de Adriana Varejão

Conteúdo específico: Apreciar vida e obra de Adriana Varejão

Adriana Varejão é uma artista nasceu no Rio de Janeiro em 1964, nasceu no Rio de Janeiro mais viveu boa parte da infância em Brasília.

Em 1983 Adriana ministrou cursos de artes no Horto Florestal ganhou o primeiro de muitos prêmios Adriana recebeu o prêmio aquisição do 9º salão Nacional de Artes Plásticas da Funarte (RJ).

Em 1976 o IBGE fez a seguinte pergunta para a população, qual a sua cor obteve nessa pesquisa 136 cores dessa 136 cores Adriana Varejão escolheu 36 para a série *Polvos*.

Nessa série a artista fez auto retratos com símbolos e grafismos indígenas que fazem alusão a miscigenação existente no Brasil que é uma mistura de raças devido aos imigrantes mais em específico a identidade brasileira como povos originários.

Nessa série também Adriana faz uma série de retratos com escala tonal tons da sua pele até das diferentes tons de pele descobertos nessa pesquisa e também fez círculos cromáticos com esses tons de pele.

Fig.9. Adriana Varejão. Série *Polvo* 80x65



3 - 4 Aula

Objetivo: Apresentar para os alunos a série Polvos.

Conteúdo Específico: Apresentar os tons de peles existentes na paleta de cores também criar tons de pele com tinta guache e criar suas próprias cores

Recurso: tinta Guache, pincel e tinta acrílica.

5-6 Aula

Objetivo: Apresentar para os alunos a série Polvos em que ela faz uma série de auto retratos

Conteúdo específico: Atividade auto retratos realizar duas atividades de retratos a primeira: sentar de frente com o colega e pintar o retrato do outro, e atividade seguinte com um espelho pintar seu auto retrato

Recurso: Tinta Guache, papel A4, lápis, pincel.

7-8 Aula

Objetivo: Realizar uma releitura dos círculos com a paleta de tons de pele

Conteúdo específico: Arte contemporânea e Identidade brasileira, trabalhar juntos com os alunos círculos cromáticos esse tom com esse da esse. Seria mais uma releitura da obra da artista. Pedir para eles criarem vários tons de pele e também em específico o tom deles e pintarem os pulsos.

Recurso: Tinta guache, tinta acrílica, papel A4, pincel

Avaliação

Objetivo: Avaliar durante a atividade, realizar uma roda de conversa com as seguintes perguntas: o que eles entendem por identidade brasileira? Perguntar também para eles o que eles entendem sobre miscigenação o que eles podem identificar que tem a cara dos brasileiros, o que eles identifiquem que tem no Brasil que pode ser caracterizado nessa mistura de raças.

Recurso: Datashow imagens de imigrantes, e indígenas

9-10 Aula

Avaliação

Objetivo: avaliar durante a atividade, realizar uma roda de conversa com as seguintes perguntas: O que eles entendem por Identidade Brasileira perguntar se eles

conhecem e intendem sobre miscigenação o que eles podem identificar que tem a cara dos brasileiros o que eles identifiquem que tem no Brasil que pode ser caracterizado nessa mistura de raças.

Recursos: Data Show e imagens de imigrantes.

Metodologia

Baseado na pedagogia triangular da apreciação artística e o fazer artístico inspirado na Fusari e Ferraz em que diz que o professor tem que ter bem estabelecido o que deseja passar para os alunos.